

## Um testemunho de pioneirismo

Prêmio Luiz Beltrão de Maturidade Acadêmica

*Discurso de Ana Arruda Callado*

*Porto Alegre, 2 de setembro de 2004*

Meus colegas, da mesa e do auditório, *Vanitas, vanitatum, et omnia vanitas*, Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade, nos ensina o Pregador, o Eclesiastes, autor do livro da Bíblia que leva seu nome, tão sábio que se pensava ser o próprio Salomão.

Visito a sabedoria do Velho Testamento porque estou muito envaidecida com minha escolha pelo júri do Prêmio Luiz Beltrão de Maturidade Acadêmica. De início me preocupei com essa mudança de personalidade. Mas creio que de hoje em diante posso, sem qualquer pudor, assumir que sou uma pessoa vaidosa, o que sempre neguei. Na realidade, já acumulava muitos motivos de envaidecimento; é que disso ainda não tinha me dado conta.

Para começar, sou pernambucana. E não só nasci no estado onde foi fundada a nacionalidade brasileira, onde a cultura brasileira teve seu berço, mas especificamente no bairro recifense de Apipucos. Tenho em casa um exemplar de *Ordem e progresso* com dedicatória do autor à “concidadã completa Ana Arruda”. Sou, portanto, da terra de Gilberto Freire; e também da terra de Frei Caneca, de João Cabral de Melo Neto e de Barbosa Lima Sobrinho – que, aliás, remava e jogava futebol no Clube Náutico Capibaribe com meu pai, pernambucano de 400 anos.

Como se fosse pouco, nasci em uma família formidável, 12ª filha de um engenheiro e uma pianista e professora, que depois de mim deram ainda ao mundo três outros filhos, sendo as caçulas gêmeas. Não é um requinte? E antes que alguém pense, baseado em estereótipos sulistas, que nordestino é assim mesmo, tem filho demais e depois não sabe e não pode criá-los, quero informar que, quando minha mãe morreu, aos 62 anos de idade, as gêmeas estavam na universidade e todos os 15 filhos gozavam de perfeita saúde, quase todos profissionais de nível superior, todos competentes (já disse: acabou a Ana Arruda modesta).

Envaideço-me sempre ao falar de minha família, hoje acrescida de 60 sobrinhos e de um número que já não conto de sobrinhos-netos. Não tive filhos, mas tive um marido tão completo, tão perfeito, que me deu netos, estes seres adoráveis, principalmente porque dão pouco trabalho e muita alegria. Como disse Rachel de Queiroz, com quem muito aprendi da vida (quando Antonio morreu, ela foi a única pessoa a me contar a verdade: "Vão dizer a você que a dor passa, Ana; não acredite; não passa, não"), netos são como herança: você os ganha sem merecer. E Rachel acrescenta, em uma crônica de *O brasileiro perplexo*, A Arte de Ser Avó: "Tenho certeza de que a vida nos dá os netos para nos compensar de todas as mutilações trazidas pela velhice".

Não vou avante no tema, porque me prometi que não falaria em velhice neste agradecimento, pois maturidade nem sempre é velhice e meus muitos cabelos brancos são apenas outro motivo de vaidade. Apenas cá entre nós, ter convivido durante 26 anos com este grande escritor, grande intelectual, grande cidadão que foi Antonio Callado, homem de opiniões firmes mas afável e bem-humorado, amante das boas coisas da vida mas solidário com todos os que delas não podem usufruir, já não seria fato suficiente para nutrir minha vaidade?

Vindo para o Rio de Janeiro aos sete anos de idade, três meses antes da rendição da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, em avião da FAB, morei algum tempo dentro do Jardim Botânico, que acreditava ser meu quintal. Depois, fui aluna de Eunice Vasconcelos, um luxo, pois ela havia sido antes professora de ninguém menos que Paulo Freire. Em uma fazenda em Araruama, Eunice me preparou para o exame de admissão ao ginásio. Fiz, portanto, meu primário à sombra de mangueiras e em intervalos de cavalgadas em companhia de meu irmão José. Mas lendo bastante, pois todo fim de semana meu pai chegava à fazenda com um livrinho para mim.

Abandonando a vida do campo, fiz Ginásio em colégio de freiras no Rio, passando depois para o Científico no exemplar Colégio de Aplicação da então Universidade do Brasil, que tinha professores da qualidade de Marina São Paulo Vasconcelos e Luís Paulo de Mesquita Maia. E na histórica Faculdade Nacional de Filosofia, fui aluna de Danton Jobim, Múcio Leão, Vitor Nunes Leal, Celso Kelly, Simeão Leal, Delgado de Carvalho, mestres a quem presto sempre minha reverência e meus agradecimentos.

Aos 20 anos, bacharel em Jornalismo, coisa rara e quase extravagante à época, bati à porta do *Jornal do Brasil*, que então iniciava uma profunda reforma editorial. Wilson Figueiredo, o chefe de reportagem, me acolheu com certo espanto mas logo consultou Odylo Costa, filho, editor-chefe. Os dois, depois de confabularem bastante, decidiram me deixar fazer um estágio. Fiquei quatro anos no jornal, convivendo com um copidesque chefiado por Ferreira Gullar e que tinha Nelson Pereira dos Santos, Cláudio Melo e Sousa, Tinhorão e Nilson Lage em seus quadros. Tive ainda a sorte, neste meu início de carreira, de ter como chefe de redação Janio de Freitas e como colegas de reportagem Sergio Cabral, Maria Ignez Duque Estrada, Luís Orlando Carneiro, Leo Schlaffman, Evandro Teixeira, Erno Schneider.

Em minhas andanças para realizar reportagens, conheci muito deste nosso grande e espoliado – inclusive e talvez principalmente por muitos de seus próprios filhos – Brasil. Verifiquei projetos de combate à seca na Paraíba e de reforma agrária (este bem duvidoso) no Amazonas; cobri congresso eucarístico no Paraná e encontros de bispos em Natal e em Goiânia, quando então houve uma visita a Brasília, uma Brasília de puro barro e três ou quatro edificações, um canteiro de obras; acompanhei parte da Caravana de Integração Nacional, organizada por Juscelino Kubitschek para provar que a Belém-Brasília era uma realidade, o que seus inimigos negavam, e para exibir a nascente indústria automobilística nacional; vi enchente provocada pelo rio São Francisco e inauguração de cooperativa de eletrificação rural em Itacuruba. Entrevistei algumas pessoas realmente importantes, como Nise da Silveira, doutor Sabin, Graham Greene e Celso Furtado, este depois e até hoje um amigo querido. O jornalismo me revelou um mundo bem diferente daquele que eu via na minha casa harmoniosa e fraterna e me transformou em uma militante de esquerda. Paguei o preço da ousadia, mais tarde, com 50 dias de prisão, dos quais 42 no famigerado Doi-Codi.

Repórter no *Jornal do Brasil* e na *Tribuna da Imprensa*, redatora internacional no *Correio da Manhã*, chefe de reportagem no *Diário Carioca*, editora do Caderno I – de infantil – no *Jornal do Brasil*, autora de numerosas resenhas de livros em *O Globo*, parti em 1967 para a grande aventura de *O Sol* que durou pouco mas rendeu muitos frutos. Ali, com Reynaldo Jardim e Otto Maria Carpeaux, Marta Alencar,

Galeno de Freitas, Carlos Heitor Cony, contribuí para a formação de bons jornalistas e melhores cidadãos – e disso também me envaideço.

Mas a ditadura sufocava o ambiente jornalístico e fui me refugiar na Editora Delta, onde tive a fantástica experiência de coodenar a edição da Enciclopédia Delta Universal, em 15 volumes, e de mais duas enciclopédias em fascículos. Descobri então que o trabalho editorial é uma extensão do trabalho jornalístico, assim como hoje, dedicada a escrever livros sobre mulheres – cometi até agora apenas uma ficção nada ficcional, a novela policial *Uma aula de matar* – sei que biografias são apenas extensas reportagens.

Obtive, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde dei aulas durante 14 anos, os títulos de Mestre e Doutora. Estudei o discurso abolicionista e particularmente os editoriais que então se firmavam como gênero jornalístico, na primeira etapa, a de mestrado; e a trajetória de uma jornalista da fase do Estado Novo, para me aprofundar nas questões de memória e inserção social, na etapa do doutorado. Na banca julgadora de minha tese estavam Leandro Konder e José Marques de Melo. Não é para me gabar?

Durante esses cursos conheci e até me familiarizei com muitos autores e textos que ampliaram minha visão da comunicação e do mundo, mas jamais me considereei uma acadêmica. Sempre fui uma jornalista que, com o tempo e a experiência, dedicou-se mais à pesquisa – atividade inerente ao trabalho de todo jornalista que se preza – e à transmissão dessa experiência a alunos. Ensinando na Federal do Rio de Janeiro, na Federal Fluminense e na PUC do Rio, também aprendi muito. Outra grande alegria que pode justificar minha recente mas decidida vaidade, agora que estou me afastando da sala de aula – professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da PUC, estou em licença sem vencimentos – é encontrar ex-alunos que me saúdam com amizade e reconhecimento, e muitas vezes me procuram para uma orientação ou mesmo uma reciclagem.

E para culminar vêm vocês e me concedem este prêmio, batizado com o nome do grande pernambucano – olha aí o Leão do Norte outra vez! – que foi Luiz Beltrão. Meus colegas, foi uma temeridade esta escolha. Vou ficar uma pessoa insuportavelmente vaidosa, tendo ganho o mesmo prêmio que receberam, nos anos

anteriores, estudiosos da Comunicação, mestres e intelectuais do gabarito de Moacir Pereira, Sergio Caparelli, Sérgio Mattos, Muniz Sodré, Antonio Costella e Carlos Eduardo Lins da Silva.

Mas quero fazer um reparo: sou a primeira mulher a receber o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação na Categoria Maturidade Acadêmica. Esta constatação poderia ser outro motivo de envaidecimento, mas no momento me preocupa. Já fui apontada como a primeira mulher chefe de reportagem de um jornal diário no Brasil; como a primeira chefe de redação. Fui, seguramente, a primeira mulher na diretoria da Associação Brasileira de Imprensa e a primeira a presidir seu Conselho Administrativo. É envaidecedor mas não é confortável. Não somos maioria nas redações? Não somos maioria nas escolas? Vamos pelo menos empatar no reconhecimento da Intercom, que, aliás, tem tido e tem atualmente, com Sonia Virgínia, excelentes presidentes mulheres.

Não quero deixar passar aqui sequer a leve idéia de que consideraria pouco justa alguma das escolhas anteriores – a minha, sei, é fruto da grande generosidade da comissão e também, creio, do reconhecimento ao longo tempo de trabalho duro que tenho tido, nas redações, nas salas de aula, nas pesquisas de campo ou em arquivos, enfim, reconhecimento à trabalhadora pertinaz mais que à acadêmica madura.

Todos aqui conhecemos os méritos dos ganhadores que me antecederam. Mas vale a pena lembrar alguns feitos de cada um deles.

Moacir Pereira, catarinense de Floripa, publicou mais de 14 livros e fundou o Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, hoje considerado modelar, e do qual é professor aposentado. Continua militando no jornalismo, em sua coluna de *O Estado*. Sergio Caparelli, mineiro, doutorou-se na Universidade de Paris e empresta até hoje seu saber à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientando teses e coordenando pesquisas. Sérgio Mattos, cearense de nascimento, compositor, poeta e ensaísta, doutorou-se pela Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Muniz Sodré de Araújo Cabral, também formado pela Universidade de Paris, é romancista (gosto especialmente de seu romance *O bicho que chegou a Feira*, por ser o título uma boa aula sobre a utilidade da

crase, esta pobre desprezada até por professores de Português), autor de ensaios sobre Comunicação que estão entre os mais importantes publicados no Brasil, um intelectual completo. Muniz dá curso sobre Heidegger ou sobre a cultura iorubá, pode-se escolher. Quando Muniz foi eleito diretor da Escola de Comunicação da UFRJ, eu era vice em sua chapa; compartilhamos bem a administração da Escola.

Depois de um catarinense, um mineiro, um cearense e um baiano, recebem o Luiz Beltrão de Maturidade Acadêmica dois paulistas. Em 2002, Antonio Costella, professor da ECA, da Cásper Líbero, da Escola Superior de Jornalismo do Porto, em Portugal, hoje na Cátedra Unesco de Comunicação, na Metodista. Escritor eclético, advogado, artista plástico. E em 2003, Carlos Eduardo Lins da Silva, jornalista de primeiríssima linha, aluno de pós-graduação da Georgetown University, professor da USP, e que no ano passado, ao agradecer o Luiz Beltrão, demonstrou o êxito de sua opção por "uma vida intelectual dividida entre a prática profissional do jornalismo e a reflexão, embasada na metodologia científica, sobre essa própria atividade".

Enfim, quero voltar ao Eclesiastes, que denuncia que tudo é vaidade e ensina ainda que é muito relativo o valor da sabedoria. A única saída para a condição humana, diz o Pregador, é aceitar com gratidão os pequenos prazeres do dia-a-dia que Deus nos oferece.

Aceito, pois, com gratidão, este prazer que não tem nada de pequeno, que é enorme, de estar aqui em Porto Alegre, neste encontro dos melhores pesquisadores da Comunicação Social do Brasil, recebendo um prêmio consagrado. Muito obrigada ao júri, muito obrigada à diretoria da Intercom, muito obrigada a todos vocês que me ouviram.